

Não é bem este o assunto que escolhi, mas, ao sentar-me diante do teclado por meio do qual abuso de vossa paciência, desenrolou-se uma visão melancólica de meu passado de jornalista. Tenho carreira de jornalista desde o fim da década de 50 e já fiz de tudo em jornal. No entanto, durante essa longa carreira, por mais importante que eu fosse na redação, os dois únicos subornos que me ofereceram são meio vexatórios de lembrar, nada para me notabilizar pela minha firme e indignada recusa. Um foi meia dúzia de garrafas de King's Archer, uísque nacional que os mais velhos devem lembrar como aquele que, na primeira dose, flechava o fígado do freguês. A outra tentativa foi de um prefeito do interior da Bahia, que, depois de ver que eu não ia fazer o que ele queria, bateu-me no ombro com uma piscadela.

— O senhor tem filhos, não tem? — perguntou ele — Filhos pequenos?

— Tenho.

— Então? Um velocípede pra um, uma bolinha de couro oficial pro outro... Hem, hem?

Ele custou a acreditar na minha negativa e insistiu tanto que o botei para fora da sala, talvez a única ocasião em que botei alguém porta afora. Até hoje suspeito que ele acha que, se em vez do velocípede e da bola, houvesse oferecido um carrinho de pedal, a bola e um jogo de camisas completo, eu teria topado. Tudo isso me vem à mente por causa da lista de Castor. Só quem parece estar de fora somos nós 20, alguns monges trapistas em San Marino e Francisco, por-teiro aqui do prédio. Desconfio de

todo mundo, até porque finalmente compreendi como era que os outros faziam para viver muito bem, com menos dinheiro do que eu ganho (situação esta difícil de imaginar, mas que pode acontecer a um ou outro). Estava todo mundo na lista de Castor, é claro.

Mas, como disse, não era disso que queria tratar, foi apenas o desabafo de um discriminado que não tem para quem apelar, até porque o dr. Castor no momento está sumido e acho difícil que me dêem seu novo endereço, se eu telefonar para a casa dele. Temos que esperar o dia em que, dentro de nossa tradição de investigação policial, um turista brasileiro o identifique numa pizzaria de Ibiza e o dedure (anonimamente) para a Polícia Federal. E aí já vai ser tarde para entrar na lista. Sinto a mesma humilhação que um aristocrata excluído do "Social Register" e, como imagino que a maior parte entre vós também não está na lista de Castor, creio que expresse a indignação de muitos.

O de que eu queria falar mesmo é sobre o campo de conhecimento que, na condição de brasileiro, me é mais familiar, ou seja, a economia. Como se sabe, através das notícias e comentários terroristas que cada dia saem na imprensa, o plano econômico sofre graves ameaças de todos os lados. Frequentemente, os mesmos dados são usados para provar argumentos antitéticos — como acontece em psicanálise de botequim: você bate em sua mãe porque na verdade a ama desesperadamente ou porque a detesta, como, no fundo, a todas as mulheres, ou, ainda, porque não encontra ninguém mais fraco para bater (as três teses podem ser provadas fluentemente). Não vai acontecer nada se não houver reforma tributária (não vai haver reforma tributária, vai haver mais complicações tri-

butárias em nossas costas), se o real for adotado logo ou se for adiado um pouco, se a inflação em URV (?) se revelar imprevisível, se isso, se aquilo.

Na nossa opinião de economistas, nós, classe média, vamos dançar outra vez, para não falar nos que já dançaram há muito tempo. Preço no Brasil não baixa, no máximo se estabiliza pelo tempo suficiente para um voo de asa-delta. Não tem jeito, é um fenômeno endocrinológico, a lei da vida e os nossos hormônios peculiares estabelecem: na nossa cultura e visão do mundo, preço é uma coisa que sobe. Tanto assim que, ao contrário de qualquer outra economia, os preços sobem quando há oferta pequena e sobem quando há oferta grande. Se sobem quando há oferta pequena, é compreensível. Assim é que funciona a lei da oferta e da procura, em países normais. Mas, em países normais, a oferta grande traz os preços para baixo. Aqui não, porque, para compensar os lucros perdidos com a demanda baixa, os produtores e vendedores aumentam os preços já inchados para outros ainda mais inchados. Já li essa explicação técnica várias vezes.

A abertura aos importados vai resolver muito pouco, ou quase nada. Vão acabar custando mais caro no varejo do que os similares nacionais (que, em muitos casos, não são tão nacionais assim). Afinal terão rótulos em inglês, francês, italiano e alemão e, que diabo, o comerciante é forçado a enfrentar este período de crise com alguma agressividade nos preços, uma mão lava a outra. Acresça-se a circunstância de que, apesar do que falam sobre competitividade, mercado, não sei o que, tudo no Brasil é cartelizado, do preço do picolé ao do quilo de cimento. Cervejarias, padarias, açougues, todo tipo de estabelecimento se enqua-

dra nesse price fixing indecente e, quando alguém quer vender mais barato, seus "concorrentes" (na realidade sócios semimafiósicos) caem de pau em cima dele. A verdadeira livre concorrência é considerada uma agressão à "classe". Por que nem nas praias existe um vendedor de água de coco com preços mais baixos do que os outros? Porque, no dia seguinte, os outros o cobrem de cacete.

E, afinal de contas, aqui é socialismo ou é capitalismo? Se for capitalismo, tem de ser jogado pelas regras do capitalismo e não através deste híbrido descabelado em que nos transformamos. Chega, por exemplo, de nos "proteger" da invasão informática ao Brasil. Arrengo dessa proteção que nos faz comprar tralhas pleistocênicas pelo dobro do preço do que há de melhor lá fora. Quem sabe do que acontece em países com os Estados Unidos, França, Japão e Alemanha (e em Portugal também; Portugal, sim; todos burríssimos, nós inteligentíssimos e eles morrendo de rir a caminho do banco), sabe quão alarmantemente estamos atrasados, cada vez mais neandertalescos, em campo tão vital para o nosso futuro. Não fosse por micreiros e loucos associados, o atraso seria absoluto. E nisso, o grande herói é o contrabandista. Não estou incitando ao contrabando, longe de mim, estou fazendo apenas uma constatação sociológica. Se não fossem os contrabandistas, ainda estaríamos tentando aprender a comer de garfo. Que tal um monumento ao Contrabandista Desconhecido? Melhor que a placa comemorativa com os nomes da lista de Castor que vão acabar inaugurando, ou o Panteão dos Mártires da CPI do Orçamento, que também vão acabar inaugurando.